

Ambiente Econômico

Sinais fracos de algo que pode ser forte

Quando falamos em Inteligência de Mercado, uma das técnicas mais utilizadas é a dos sinais de alerta, com o intuito de antecipar eventos que possam interferir com o percurso de uma empresa. Os sinais de alerta, em geral baseiam-se nos sinais fracos ou sinais de alerta precoces que não são informações organizadas e acessíveis de maneira fácil.

Se aplicarmos o conceito à economia brasileira, podemos verificar que alguns sinais dispersos se observados em conjunto podem construir indicações positivas, não obrigatoriamente no curto, mas certamente no médio prazo.

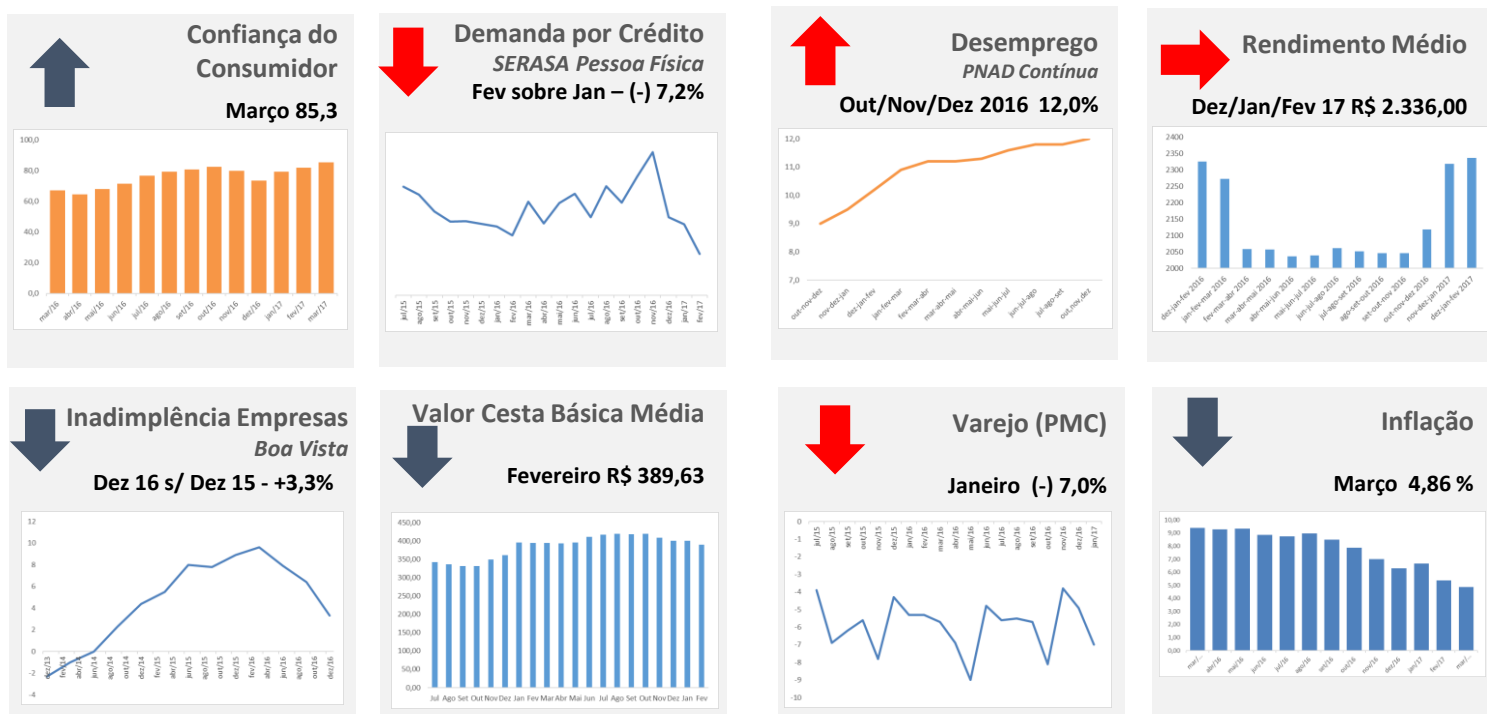
O COPOM já sinalizou queda acentuada na taxa Selic, que já começa e ser prevista em 8,50% no final do ano. O crescimento da taxa de desemprego começa a desacelerar. A indústria começa a cair menos intensamente. A taxa de câmbio do dólar, que interfere significativamente na inflação interna brasileira está estabilizada e prevista para, no máximo atingir R\$ 3,20 no final do ano. A inflação deverá fechar no piso da meta em 4,1% e o PIB aponta para crescimento de 0,5%, podendo até mesmo recuar um pouco.

É certo que as incertezas no campo político ainda persistem, seja no seio dos poderes da República, seja nas ações judiciais tais como a Lava Jato ou as investigações sobre financiamentos partidários nas eleições de 2014, mas não estão previstos momentos tão críticos como os que atravessamos em 2016.

Se compararmos o cenário que agora se desenha, pelo menos até o final de 2017, com aquele que se mostrava há exatamente um ano atrás, é fácil verificar a diferença pendendo para o lado positivo.

Ainda é cedo para preconizar o período exato quando poderemos dizer que o Brasil se recuperou e voltou a crescer, mas uma coisa é certa: estamos no caminho certo e o que antes parecia inatingível, agora já pode ser ao menos sonhado. As empresas começam a fazer planos de expansão e contratação. O varejo de redes planeja voltar a abrir lojas em diversos segmentos. A indústria automobilística ensaia uma reação, assim como o mercado imobiliário. Ainda restam algumas ações voltadas a equilibrar as contas públicas, mas aos poucos os sinais vão aparecendo e estimulam a confiança do empresário a investir e produzir e do consumidor em comprar, a equação mágica que comanda a economia de mercado. Sinais ainda fracos, mas com forte tendência de fortalecimento.

Dashboard



Destaque do Mês

O acesso à Internet atinge 50% dos brasileiros!

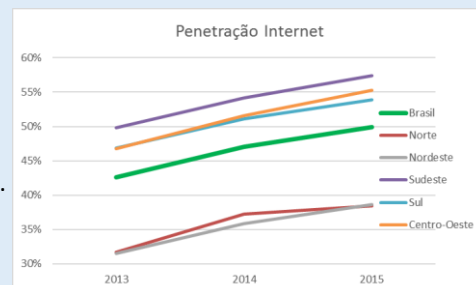
O IBGE divulgou recentemente os dados apurados na PNAD Contínua sobre penetração de Internet no Brasil, o que chancela em boa parte o crescimento do e-commerce no país, bem como as ações voltadas à ampliação de canais pelo varejo e pela indústria.

O Brasil tinha em 2015 50% de sua população total acessando a Internet, sendo que este valor era de 43% em 2013, o que demonstra a velocidade de crescimento do mundo digital.

Se considerarmos apenas a população acima de 10 anos, ou seja, aquela que pode ser considerada mais impactada por ações realizadas por varejistas e indústrias, este número sobe para 59% deste universo.

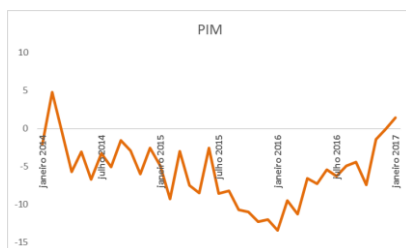
O número não é o mesmo para todas as regiões conforme mostra o gráfico acima. As regiões Norte e Nordeste estão significativamente abaixo da média nacional, enquanto Sul, Sudeste e Centro-Oeste superam esta média. O Centro-Oeste, por sua vez, fortemente influenciado pelo Distrito Federal, suplantou a região Sul desde 2014.

Estes índices reforçam que a atuação do varejo em diversos canais de venda é algo que veio para ficar e não tem volta, o que obriga as empresas a assumir uma postura de urgência na incorporação do multicanal, considerando a velocidade com que as pessoas se digitalizam. É verdade que acessar a Internet não significa, obrigatoriamente, comprar através deste canal, mas é um passo importante para o contato das marcas e dos produtos com seus consumidores em diversas faixas etárias e agrupamentos socioeconômicos.



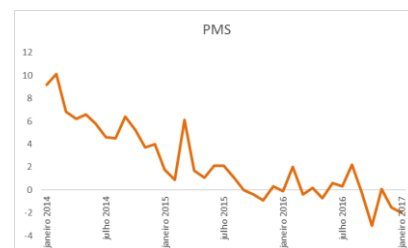
Indústria

A indústria dá sinais de recuperação. Primeiro índice positivo de crescimento em 35 meses.



Serviços

Serviços em queda há 2 anos e ainda com crescimento inferior ao mesmo mês do ano anterior desde Set/2016



O que nos mostram os dados de desemprego

A PNAD Contínua divulgada no final de Março pelo IBGE trouxe, como sempre dados sobre o mercado de trabalho. Um olhar mais detalhista sobre os números mostra alguns dados, no mínimo, interessantes. Em primeiro lugar é considerada força de trabalho aquela população formada por cidadãos maiores de 14 anos. Já aí, aparecem surpresas. As mulheres, perfazem 52,2% desta força de trabalho no final de 2016 e se comparada com o mesmo período de 4 anos atrás, em 2012, este número já era de 52,4%. Quando descemos ao nível das regiões geográficas, a situação não muda e as mulheres seguem liderando esta força.

Ainda mantendo o foco no gênero, é possível verificar que a razão de crescimento desta população começa a pender mais para os homens. Nos últimos 4 anos o grupo masculino cresceu 6,2%, enquanto o grupo feminino cresceu 5,2%.

Neste período compreendido entre 2012 e 2016 e que incorpora boa parte do período de crise que começamos a deixar para trás, o desemprego cresceu 85,5% passando de 6,7 milhões de desempregados em 2012 para 12,3 milhões em 2016.

Vale a pena notar, como mostra o gráfico ao lado, que as regiões mais atingidas com o desemprego nestes anos foram as regiões Sul e Centro-Oeste, com crescimentos de 104,6% e 108,9% respectivamente, enquanto a Região Nordeste viu o número de seus Desempregados crescer apenas 59,6%. É possível afirmar que os empregos criados no Nordeste brasileiro tiveram uma base mais sólida de sustentação do que aqueles criados nas demais regiões.

Enquanto a população economicamente ativa no Brasil cresceu neste período 5,7%, com a entrada de quase 9 milhões de potenciais empregados, o saldo de empregos criados, foi de apenas 44 mil postos, o que explica o grave quadro do desemprego atual, ou seja, muita gente acessando o mercado de trabalho e pouquíssimos postos sendo criados. Infelizmente, o desemprego é o último indicador a apresentar melhora em quadros recessivos, porém, uma vez equalizados os demais pontos da economia, as vagas de emprego podem ser retomadas aceleradamente, muito embora seja difícil precisar quando isto começa e qual a velocidade de recuperação.

